
Crónica de onomástica paleo-hispânica (15)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

Nesta ocasião continuamos a prestar a maior parte da nossa atenção à antroponímia ibérica, retomando a abordagem a NNP já tratados em artigos precedentes.

A B S T R A C T

This time, we are mostly dealing with a group of Iberian personal names, already discussed in previous papers.

abarcis. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Girona). *MLH* III 2 C.4.1.

Trata-se obviamente de um NP completo, segmentável em **abar-cis** (Faria, 1995a, p. 323, 1998a, p. 237, 1998b, p. 270, 2000a, p. 121, 2003a, p. 313, 2004a, p. 294), não havendo o mais ténue indício de que **-cis** possa corresponder a uma sequência de sufixos (*contra*, Orduña, 2006, pp. 93–94).

Conquanto tivesse partido, em nosso entender, de premissas erradas, também Pérez Orozco (1993, p. 62) advogou a segmentação de **abarcis** em **abar-cis**.

aidutigerf. Placa de chumbo. Ampúrias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Não é de agora que vimos preconizando ser esta, e não **abadutigerf** (Sanmartí, 1988, p. 103), a transliteração correcta do NP em análise (Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 68, 1998c, p. 230, 2001, p. 96, 2004a, pp. 276, 277, 2004b, p. 175, 2007a, p. 163). Sucede que a transliteração aventada por Sanmartí, retomada há poucos anos por De Hoz (2003, p. 43), acabou de ser ingloriamente ressuscitada por Orduña (2008, p. 294). Este investigador, ao insistir na displicência ecdótica evidenciada pelo seu antecessor (De Hoz, 2003, p. 43), não quis sequer conceder a **aidutigerf** o estatuto de variante de leitura. Trata-se de um inexplicável recuo assumido por Orduña, porquanto, há alguns anos (Orduña, 2006, p. 450), só admitia a transliteração **aidutigerf**, ainda que outorgando a respectiva autoria, erroneamente, a Untermann (1996, p. 95).

Independentemente dos vários paralelos onomásticos disponíveis, **aidutigerf** é a única transliteração caucionada por uma observação atenta do documento. **abadu** seria um *hapax* entre os componentes onomásticos ibéricos. Não cremos, por conseguinte, que o mesmo esteja presente na placa de chumbo C.1.6, uma vez que o NP que Silgo (2000, p. 105) leu como **abatucaldur** pode, em alternativa, transliterar-se como **aidugaldur** (Faria, 2004b, p. 175).

De igual modo, voltamos a deixar bem expressa a nossa discordância com De Hoz relativamente à transliteração de outro vocábulo gravado no mesmo texto ampuritano, já que a mesma foi

agora resgatada sem qualquer justificação por Orduña: trata-se de **tiecaa** (De Hoz, 2003, p. 43; Orduña, 2008, p. 294), a corrigir por **tigicaa** (Faria, 2003a, p. 322, 2004b, p. 176).

aiunórdin. Lâmina de chumbo. El Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). Benages, 1990, pp. 41–43; Faria, 1992–1993, p. 277, 1994a, p. 68.

Orduña (2008, p. 295) esqueceu-se de aludir ao facto de este NP ter sido por nós identificado há mais de uma década e meia (Faria, 1992–1993, p. 277, 1994a, p. 68; Silgo, 1994, pp. 34, 216), dando a entender involuntariamente que foi ele quem procedeu a tal individualização. Estranhámos deveras este comportamento, que constitui um retrocesso relativamente ao que este mesmo investigador (Orduña, 2006, p. 450) manifestava há não muitos anos. Ainda que talvez não passe de uma manifestação de negligência, esta conduta corre o sério risco de ser confundida com a de Rodríguez, autor que já tentou por mais de uma centena de vezes apossar-se de descobertas alheias, sobretudo no domínio da onomástica ibérica, entre as quais se conta o NP **aiunórdin** (Rodríguez, 2002 [2003], pp. 254, 266, 2006, p. 48).

Não havendo rigorosamente nada na foto disponibilizada no artigo de Benages (1990, p. 42) que aponte em sentido diverso — e o desenho da placa de chumbo, que permitiu a Benages vislumbrar a sequência **aiunoadinibu**, está longe de ser fidedigno —, mantemos a nossa decisão (Faria, 1992–1993, p. 277, 1994a, p. 68), igualmente tomada por Silgo (1994, pp. 34, 216), de transliterar como **aiunórdiniTe** o NP e o sufixo que Velaza (1996, p. 317), Untermann (1996, p. 100), Rodríguez (2002, p. 124, 2005, p. 122) e Orduña (2006, pp. 298, 299, 2008, p. 295) preferiram ler como **aiunórdinicu**. De resto, não conhecemos nenhum documento em língua ibérica susceptível de atestar o alegado sufixo **-icu** posposto a um NP.

Orduña (2006, pp. 90, 299, 301, 2008, p. 295, n. 65) apresenta como inovação sua a transliteração **otanai** em detrimento de **obonai**, que foi propugnada por Silgo (1994, pp. 213, 240), esquecendo-se de que aquela leitura, que já constava da *editio princeps* (Benages, 1990, p. 41), foi igualmente a que entendemos adoptar (Faria, 1992–1993, p. 277). Aliás, não sabemos em que dados se baseou Silgo (1994, pp. 213, 240) para ler, seguido por Velaza (1996, p. 317) e Untermann (1996, p. 100), **obonai** onde figura **otanai**, sendo certo, por outro lado, que, ao invés do que deixa entrever Orduña (2008, p. 295, n. 65), o presente documento não observa a notação da oposição de sonoridade entre oclusivas.

Também nos cabe a prioridade, que de bom grado partilhamos com Silgo, na identificação no mesmo documento do NP ibérico **uldibei** (Faria, 1992–1993, p. 277, 1995a, pp. 326–327, 2000a, p. 127), transliteração esta que, convém não esquecer-lo, era já a de Benages. Muito embora Silgo (1994, pp. 74, 250) não defina expressamente **uldibei** como NP, é de inteira justiça assinalar que foi este investigador o primeiro a segmentar o vocábulo em apreço como **uldi-bei**.

Tal como sucedeu com a identificação de dezenas de outros NNP, Rodríguez (2002 [2003], pp. 261, 272) quis sonegar a outrem a precedência na individualização do NP **uldibei**, tendo nós detectado em momento posterior as mesmas omissões bibliográficas em artigos redigidos por Ferrer (2006 [2008], p. 152, n. 84) e por Orduña (2008, p. 295). No que a Ferrer e a Orduña diz respeito, não nos custa, todavia, acreditar que estamos perante descuidos episódicos. Aliás, noutra ocasião, este último autor (Orduña, 2006, p. 450) não hesitou em atribuir-nos a autoria da interpretação de **uldibei** como NP.

É curioso notar que Rodríguez (2002 [2003], p. 261), com o rigor que De Hoz (2007, p. 36, n. 68) lhe reconheceu, conseguiu individualizar **ibesé** em **uldibei-cate**, como se a existência daquele formante não carecesse de comprovação (Faria, 2001, p. 96, 2003a, p. 316, 2004b, p. 179), tendo admitido ao mesmo tempo que a dita sequência podia ser segmentada em **uldi-be-ica-te** (*sic*).

O mais provável, por conseguinte, é que, ao opor-se à análise de Silgo (sem o citar), Rodríguez tenha errado em ambos os palpites.

Aproveitamos este ensejo para corrigir a leitura da última linha do texto em questão, que não chegámos a transliterar (Faria, 1992–1993, p. 277), não constando, tão-pouco, da edição perfilhada por Rodríguez (2005, p. 122): **]Toř** (Untermann, 1996, p. 100; Velaza, 1996, p. 317; Orduña, 2006, p. 298, 2008, p. 295) deverá dar lugar a **]TiCe**, tendo o último signo sido gravado com uma inclinação de 90° relativamente à orientação habitual (Faria, 2003b, p. 218). Aliás, é este mesmo silabograma que vamos encontrar por duas vezes no chamado texto A – em **laCuildum:ca** (linha 2) e em **icer** (linha 3) – gravado numa outra lâmina de chumbo ibérica, que, tal como a que agora vimos analisando, pode ter sido recolhida no povoado de El Castellet de Banyoles ou nas suas proximidades (Untermann, 1991–1993, p. 93, n. 2; Velaza, 1994, pp. 10–13).

Cumpre-nos, em contrapartida, reconhecer que a sequência dissilábica com que encerra o texto da face B da lâmina de chumbo originariamente editada por Benages deverá transliterar-se como **tesír** (Rodríguez, 2005, p. 122, 2005–2006 [2009], p. 468; Orduña, 2008, p. 291), em desfavor de **tesír** (Faria, 1992–1993, p. 277) de **tesía** (Untermann, 1996, p. 100) ou de **tesia** (Benages, 1990, p. 46; Velaza, 1996, p. 317; Orduña, 2006, pp. 209, 302). A segmentação **tarante-sír**, propugnada por Silgo (1994, pp. 129, 244), carece de paralelos abonatórios, não sendo, tão-pouco, plausível que, tal como postula o mesmo autor, **sír** constitua uma abreviatura de **ś(al)jif. bitar-an-tesír** (*recte, tesír*), a segmentação por nós sugerida (Faria, 1992–1993, p. 277), foi objecto de reconhecimento (parcial) por Orduña (2008, p. 291, n. 55) e, como é costume, alvo de tentativa de usurpação por Rodríguez (2005–2006 [2009], p. 468).

anaiośar. Pratos de campaniense. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.36, .37.

Tivemos há alguns anos o ensejo de aventar **anai-ośar** como a decomposição mais adequada, atentos os paralelos na altura invocados, para o NP em presença (Faria, 2006, pp. 115–117). Por motivos que nos ultrapassam, ao enveredar exactamente pelo mesmo caminho que, julgávamos nós, havíamos desbravado a par de Tolosa (2007, p. 161), Ferrer (2008 [2009], p. 267) passou por cima do nosso contributo. De qualquer modo, acabámos de reparar num facto que também parece ter escapado à atenção de Ferrer: a proposta no sentido de segmentar **anaiośar** em **anai-ośar** foi formulada por Tolosa vários anos antes de 2006, mais precisamente em Março de 2002: < <http://es.dir.groups.yahoo.com/group/Bardulia/message/684> > (consulta de 06/07/09).

arsbigisdeegiar. Moedas. **arſe** (Sagunto, Valência). *CNH* 304:2, 5.

No momento em que aludia ao “definitivo restablecimiento de la lectura **arſbikisteekiar**”, não teria ficado mal a Orduña (2006, p. 26) ter citado ao menos um dos seguintes títulos: Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1994c, p. 123, 1995b, p. 80, 1996, p. 153, 1998d, p. 246, 2000a, pp. 127–128, 2001, pp. 96–97, 2003b, p. 213, 2004a, p. 278. Já depois de 2005, voltámos a abordar este mesmo assunto (Faria, 2007a, pp. 163–164, 2007b, pp. 210–211). Não constituiria, tão-pouco, informação redundante que Orduña (2006, p. 71), ao ter declarado que “[r]especto a **-ku** ante **ekiar**, en monedas de Sagunto y en cerámica de Liria, se ha demostrado [ser] lectura incorrecta por **-te**”, tivesse tido a preocupação de juntar alguma da bibliografia arrolada na primeira metade da presente entrada.

auruningi. Estela de arenito. Santa Perpètua de Mogoda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Untermann (*MLH* III 1, p. 213, 237, *MLH* III 2, p. 104) não chegou sequer a admitir como hipótese que **gi** pertencesse ao NP em discussão, mas cremos ser esta a solução mais adequada (Faria, 2002a, p. 123, 2007a, p. 163).

Decorre da supracitada bibliografia que, ao contrário das aparências, Orduña (2006, p. 66, 2008, p. 290) não é o autor da identificação de **auruningi** como NP ibérico.

bastíbilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH III 2 H.1.1.*

Passaram-se quase duas décadas desde que procedemos à identificação deste NP, segmentável em **basti-bilos** (Faria, 1990–1991, pp. 76, 78, 84, 1991, p. 190, 1994a, p. 67, 1995a, p. 324, 1998a, p. 236, 2004a, p. 304, 2006, p. 118, 2007a, p. 174) ou em **bas-ti-bilos** (Faria, 1994a, p. 67, 2004a, p. 304). Não obstante, Orduña (2006, p. 82) não trouxe à colação um só dos títulos, acima citados, que publicámos até 2004.

bilosiun. Placa de chumbo. Caudete de las Fuentes (Los Villares, Valência). *MLH III 2 F.17.2.*

Há alguns anos (Faria, 2004, p. 280), tivemos de denunciar a pretensão assumida por Rodríguez (2002 [2003], p. 262) no sentido de se fazer passar por autor da interpretação de **bilosiun** (F.17.1) como NP (Faria, 1997, p. 110). É, pois, evidente que não vamos permitir que Orduña (2006, p. 452) se proponha caucionar uma tal aspiração, cuja legitimidade, de resto, Ferrer (2006 [2008], p. 134) não deixou tacitamente de questionar, ao reconhecer-nos a prioridade na individualização do dito NP.

Se nada há que acrescentar acerca do formante **bilos**, por demais conhecido na antroponímia ibérica, vale a pena recordar (Faria, 2007a, p. 163) que o componente **iun**, menos documentado, além de ocorrer no NP de que nos vimos ocupando, figura igualmente em **iuntegen** (G.13.1; Faria, 1997, p. 110, 2003a, p. 329, 2003b, p. 215, 2004a, p. 307, 2007a, p. 163; Panosa, 2002, p. 338, n. 3), **lušiunbager** (Ferrer, 2006 [2008], p. 134; Moncunill, 2007, p. 240, Faria, 2007a, p. 163), **SIR[A]STEIVN** < **sirasteiun*/**sirasteiun* (ERTer, 5; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005b, p. 274, 2007a, p. 163, 2008 [2009], p. 62) e **tasberiuun** (na nova leitura de Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46, que veio substituir **bosberiuun**) (C.2.3; Faria, 1997, p. 110, 2002a, p. 125, 2003b, p. 215, 2004a, p. 281, 2007a, p. 163, 2007b, p. 211).

caresban. Vaso cerâmico. San Miguel de Liria (Valência). *MLH III 2 F.13.5.*

Não obstante termos vindo há vários anos a propor “a menudo nuevos elementos onomásticos que sin embargo pecan de criterios de identificación excesivamente laxos” (De Hoz, 2007, p. 36, n. 68), a verdade é que, já por três vezes, Rodríguez (2002 [2003], pp. 256, 263, 2005, p. 44, 2005–2006 [2009], p. 466) tentou sem êxito apropriar-se da autoria da interpretação de **caresban** como NP ibérico (Faria, 1991, p. 190, 1994a, pp. 67, 70, 1997, p. 107, 1998b, p. 271, 2000a, p. 130, 2004a, p. 284, 2007b, p. 213). Lamentavelmente, Velaza (2005 [2006], p. 144) deixou no ar a ideia de que também não logrou resistir à mesma tentação (Faria, 2007b, p. 213), omitindo todos e cada um dos nossos artigos acima citados. É, no entanto, nossa convicção que tal ausência não terá resultado de um acto deliberado. Do mesmo modo, também Orduña (2006, pp. 154–155) ter-se-á esquecido de fornecer a bibliografia anterior sobre a identificação do NP **caresban**, nada referindo, tão-pouco, acerca dos nossos contributos, anteriores aos que foram por ele citados (Orduña, 2006, pp. 60, 105, 171), relativos à interpretação de **ban** como segmento onomástico (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991, p. 190, 1992, p. 195, 1994a, pp. 66, 70, 1995a, pp. 326–327, 1997, pp. 107–108, 2000a, p. 130).

Para que não recaiam sobre nós as mais leves suspeitas de associação a um comportamento repulsivo que tem sido a imagem de marca assumida por Rodríguez, é nossa obrigação registar que também Pérez Vilatela (1992, p. 355) classificou **caresban** como NP ibérico. Do mesmo modo, **caresif** (Faria, 1990–1991, p. 86, 1991, p. 190, 1994a, pp. 67, 70, 1995a, p. 326, 1997, p. 107, 2001, p. 99, 2002a, p. 128, 2004a, p. 285, 2007b, p. 214) e **ebir** (Faria, 2003a, pp. 322–323, 2004a, p. 306)

devem ser acrescentados a **caresban**, já que ambos foram compendiados por Pérez Vilatela (1992, p. 355) no mesmo “listado de las muestras que parecen más evidentes de onomásticos”

Ao darmos por cumprido o nosso dever para com Pérez Vilatela, convirá referir que nem **cares** nem **ban** figuram na lista de elementos onomásticos elaborada por Rodríguez e recolhida num apêndice (n.º 1, pp. 53–54) ao seu *Breve manual de epigrafía ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez, 1995, p. 15).

ebarcor. Lâmina de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Valencia). Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 148; Faria, 1992–1993, p. 278.

Há alguns anos (Faria, 2004a, p. 284), tivemos de chamar a atenção de Rodríguez para a existência do NP **ebarcor** (Fletcher & Bonet, 1991–1992, p. 148: **kubikekor**), por nós identificado e segmentado em **ebar-cor** (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, p. 69, 1997, p. 108, 1999, p. 154, 2000a, p. 136). Só agora vem o dito autor reconhecer a respectiva existência (Rodríguez, 2005–2006 [2009], p. 466, n. 7). Seria, contudo, esperar demasiado que, num improvável acesso de honestidade, Rodríguez anuisse a “dar o seu a seu dono”, atribuindo-nos a precedência na identificação do supracitado NP. Obviamente, neste caso — assim como, aliás, em dezenas de outros —, a malvadez voltou a emergir com naturalidade, e tal reconhecimento, exigível no plano ético, não veio — nem nunca virá — a ter lugar.

A acribia que De Hoz (2007, p. 36, n. 68) descortinou na obra de Rodríguez fica bem patente no estabelecimento de uma correspondência, que tem tanto de arbitrária como de gratuita, entre **ebarcor** e **abarkors** (Rodríguez, 2005–2006 [2009], p. 466, n. 7), NP que este ilustre linguista se lembrou de inventar (*ergo*, **abarkors*, em detrimento de **abarkors**), negligenciando como presumíveis *comparanda* (nenhum deles é, por razões evidentes, completamente inequívoco) CORMERTONIS (gen.) (Lambrino, 1956, pp. 39–40, n.º 13; Almeida, 1956, p. 169, n.º 43; Faria, 2000a, pp. 135–136, 2004a, p. 306, 2006, p. 124), **ebartiger** (Solier, 1979, p. 86; Faria, 1997, p. 108, 2004a, p. 297) e **ebaricame** (C.2.3) (< **ebar-ican?*; Ballester, 2009, p. 23).

Ainda a propósito do mais recente artigo assinado por Rodríguez (2005–2006 [2009]), não podemos deixar de manifestar a nossa absoluta estupefacção por vermos alguém que, sendo possuidor de um vastíssimo e inigualável historial de impenitente “amnésia” no tocante à citação de trabalhos alheios, tenha o atrevimento de criticar quem quer que seja (neste caso, o professor Ballester) por eventuais insuficiências bibliográficas (Rodríguez, 2005–2006 [2009], p. 464, n. 4). De qualquer modo, não haverá ninguém que possa, em determinado momento, ficar isento de uma crítica desta natureza, nem mesmo Ballester, desde que Rodríguez se abstenha de intervir, por ser falho de qualquer autoridade moral. Assim, por exemplo, não podemos deixar de notar alguma similitude, que Ballester (2009, pp. 28–31) não reconheceu, entre a abordagem deste prestigiado linguista à presumível existência de aspiração em ibero e as páginas que, há mais de quinze anos, consagramos ao mesmo tema (Faria, 1993, pp. 152–153).

GESEL'AND'EN. Lápide de arenito. Proveniência indeterminada. *IRMN* 58.

Não vemos quaisquer razões passíveis de nos levar a abdicar desta leitura, que adoptámos a partir de 1995 (Faria, 1995b, pp. 81–82, 1997, p. 106, 1998a, p. 234, 2000a, p. 123, 2003b, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116, 2008 [2009], p. 88), em detrimento de GESELADION (*IRMN* 58) ou de GESELADIN (Velaza, 1993, p. 80). Se bem que, das duas lições erróneas, seja GESELADIN a que goza de maior popularidade, GESELADION ainda consegue reunir a preferência de, pelo menos, dois investigadores: Cantón (2009, pp. 451, 453) e Gómez-Pantoja (*ad HEpOl* 19187). À postura conservadora assumida por Gómez-Pantoja não será alheia a circunstância de este reputado epigra-

fista ter sido um dos autores do supracitado livro dedicado às inscrições romanas do Museu de Navarra (*IRMN*).

Desde o primeiro dos artigos citados (Faria, 1995b, pp. 81–82) que vimos sustentando ser GESEL'AND'EN um composto tripartido, segmentável em **ges-elan-din*. Importa, no entanto, admitir a eventualidade de aquele NP em caracteres latinos corresponder a **ges-eland-in*, não sendo, tão-pouco de excluir que a nossa leitura deva ser substituída por GESELADEN, uma hipótese que abriria as portas a que este NP procedesse de **ges-elad-in*. A individualização de **elad-* como segundo membro deste composto ver-se-ia somente legitimada pela invocação do NP feminino ELADVA (*ERClu* 60; *HEp* 2, 123; Abascal, 1994, p. 349; Prósper, 2005, p. 209). Teremos, contudo, de dar preferência a **ges-elan-din* ou a **ges-eland-in*, atendendo à consabida abundância no Norte peninsular, e em especial no Noroeste, de NNP formados a partir dos radicais **elan-* e **eland-* (Vallejo, 2005, pp. 317–318; Prósper, 2005, p. 209). Em qualquer caso, estaremos em princípio perante um NP híbrido, paleobasco/ibérico e celta, devendo ser abandonada a ideia, por nós sustentada desde há bastante tempo (Faria, 1995b, p. 81), de que todos os componentes de GESEL'AND'EN/GESELADEN remontariam ao ibero ou ao paleobasco.

ildirgis. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 84.

Em bom rigor, é nossa obrigação reconhecer que muito do que escrevemos sobre este NP (Faria, 1991, p. 190, 1994a, p. 67, 70, 1995a, p. 327, 2000a, pp. 138–139, 2000b, p. 64, 2002a, p. 130, 2004a, p. 307, 2005a, p. 164) já constava do artigo de Solier (1979, p. 84).

Não obstante, Orduña (2006, p. 448) não trouxe à colação nenhum dos nove textos acima referenciados, nem mesmo o que teve Solier por autor, concedendo de modo indevido a Untermann (1996, p. 95) a autoria da identificação de **ildirgis** como NP ibérico.

ildirsaf. Placas de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, pp. 82, 84, 85.

Em bom rigor, é nossa obrigação reconhecer que muito do que escrevemos sobre este NP (Faria, 1990–1991, p. 85, 1991, p. 190, 1994a, p. 67, 1997, p. 111, 2002a, p. 127, 2004a, p. 286, 2006, p. 117) já constava do artigo de Solier (1979, pp. 82, 84, 85).

Não obstante, Orduña (2006, pp. 448–449) não trouxe à colação nenhum dos nove textos acima referenciados, nem mesmo o que teve Solier por autor, concedendo de modo indevido a Untermann (1996, p. 95) a autoria da identificação de **ildirsaf** como NP ibérico.

ilduCoiTe. Moedas. **ilduCoiTe**/**Tocoits?* (localização indeterminada). *CNH* 225:1–3.

Sobre esta misteriosa ceca, escrevíamos há alguns anos o seguinte (Faria, 2006, p. 120):

Ainda a propósito de NNL ibéricos que contêm **ildun**, **ilduf** ou **ildir** como primeiro componente, não é fácil aceitar a validade da hipótese segundo a qual **ToCoiTos** (BB I) e **ilduCoiTe** (*CNH* 225:1–3) se reportam a uma mesma cidade (Villar & Jordán, 2001, pp. 138–139; Jordán, 2004, p. 331, 2004 [2005], p. 294), a menos que **ilduCoiTe** — à luz do que se conhece da morfologia ibérica, nunca segmentável em **il-duCoiTe** — consista numa haplologia de **ildu(To)CoiTe*. Ao arripio do que declarou Jordán (2004, p. 331) na senda de Villar (2000, pp. 126, 194, 195, 227, 2005a, pp. 460–462), não há nenhuma prova, nem sequer o mais pequeno indício, de que “la palabra ibérica para ‘ciudad’ es **il**”.

Verificámos (ainda) com alguma surpresa que Prósper (2008, pp. 28–29) recorreu à mesma argumentação — redução haplológica de **ilduToCoiTe* — no intuito de sustentar a identidade entre

ambos os>NNL, **ilduCoiTe** e **ToCoits*, sem se dar ao incómodo de mencionar quem a precedeu na formulação de tal raciocínio.

A bem da verdade, importa referir que já Ballester (1996, p. 170, 2004 [2005], p. 268) admitira **ilTuCoiTe** como iberização de **ToCoiTos**, mas, ao limitar-se, no mais recente dos artigos citados, a prescrever **ilT-TuCoiTe** como adaptação ao ibero, não chegou a considerar que o NL iberizado poderia resultar da haploglogia de **ilduToCoiTe*.

laceitorf. Vaso de cerâmica. El Castellido (Alloza, Teruel). *MLH* III 2 E.4.6.

Pela nossa parte, nunca manifestámos quaisquer reticências sobre a inclusão de **laceitorf** na antroponímia ibérica (Faria, 1991, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 287, 2005b, p. 281) nem sobre os elementos onomásticos — **lace** e **itorf** — que o compõem. Estranhámos, por conseguinte, que Orduña (2008, p. 282), seguindo as pisadas de Rodríguez (2002 [2003], pp. 261, 262), dê a entender, decerto por distração, que é ele o autor quer da interpretação de **laceitorf** como NP ibérico, quer da individualização dos respectivos componentes.

Como se tal não bastasse, Orduña (2008, p. 282) aproximou-se de novo perigosamente da “metodologia” adoptada por Rodríguez (2002 [2003], pp. 261–262), ao omitir tudo quanto havíamos escrito sobre o NP **edeitorf** (F.20.2; Faria, 1991, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 283). Estamos na disposição de admitir que as lacunas bibliográficas exibidas por Orduña consistem no resultado das restrições de espaço que lhe terão sido impostas pela Direcção da Revista *Emerita*.

leisirf. Placas de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, pp. 80, 85; Solier & Barbouteau, 1988, p. 72.

Passaram-se quase duas décadas desde que procedemos à identificação deste NP, segmentável em **lei-sirf** ou em **leis-irf** (Faria, 1993, pp. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001, p. 99, 2004a, p. 298, 2007b, p. 214). Não obstante, Orduña (2006, p. 449) não trouxe à colação um só dos títulos, acima citados, que publicámos até 2004, concedendo erroneamente a Untermann (1996, p. 95) a autoria de tal exegese.

neitecer. Placa de chumbo. Ullastret (Gerona). *MLH* III 2 C.2.3.

Antes de nós (Faria, 2007a, pp. 174–175), já Orduña (2006, p. 450) havia segmentado **neitecer** em **nei-tecer**, sem que, contudo, este autor tivesse recorrido a qualquer tipo de análise comparativa que a sustentasse.

ocalacom. Moedas. **Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). *CNH* 289:1–2.

Que nos seja perdoada a insistência (Faria, 2005b, p. 282), mas fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, transliterada até 2003 como **ocalacom** (Faria, 2003b, pp. 224–225). É um facto indesmentível que o texto de Rodríguez (2001–2002 [2003], pp. 431–432) veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003b, pp. 224–225). Não obstante, Burillo (2009, p. 179), dando um passo atrás relativamente à sua postura anterior, cedeu à tentação de tornear a referência ao nosso texto, no que foi — sem excessiva surpresa para nós — acompanhado por Beltrán & Velaza (2009, p. 120). Cremos que a procura de um nível mínimo de rigor importaria que aos anos a que corresponde o vol. 20–21 da revista *Kalathos* (2001–2002) fosse acrescentado o ano — 2003 — em que, objectivamente, o mesmo foi editado. Evitar-se-iam deste modo alguns equívocos em que outros autores já incorreram.

ocobilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH* III 2 H.1.1.

Passou-se quase mais de uma década desde que procedemos à identificação deste NP, segmentável em **oco-bilos** (Faria, 1995a, p. 327, 2002b, p. 236, 2003b, p. 225, 2004a, p. 308, 2007a, p. 174). Não obstante, Orduña (2006, p. 82) não trouxe à colação um só dos títulos, acima citados, que publicámos até 2004.

salager. Empúries (L’Escala, Girona). Sanmartí, 1988, p. 106.

Se não pudemos permitir que Jesús Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 268) se arrogasse o direito nos subtrair a autoria da interpretação de **salager** como NP segmentável em **sal-ager** (Faria, 1994a, p. 70, 1995a, p. 328, 1998a, p. 235, 2004a, p. 289), não iremos, tão-pouco, aceitar que Orduña (2006, pp. 282–283, 450) passe, deliberada ou involuntariamente, por autor de tal segmentação.

[s]elgiberśar. Vaso de cerâmica. Molí d’Espígol (Tornabous, Urgell, Lérida). Cura, 1993, p. 219.

Na entrada correspondente ao presente NP, Moncunill (2007, p. 346) esqueceu-se de declarar que, em alternativa a uma interpretação de **[s]elgiberśar** como trimembre – **[s]elgi-ber-śar** – (Faria, 1999, p. 156, 2003a, p. 318, 2003b, p. 215, 2004a, p. 299, 2006, p. 117, 2007a, pp. 177, 225), chegámos a contemplar a hipótese de o mesmo ser composto por dois elementos, **[s]elgi** e **berśar** (Faria, 2003a, p. 318, 2004a, p. 299). Ainda assim, bem menos acertados do que Moncunill estiveram Velaza (2006 [2007], p. 308), Panosa (2006, p. 1050) e, mais recentemente, Luján (*ad HEp* 14, 203), que não conseguiram mencionar qualquer das nossas hipóteses, nem, tão-pouco, a bibliografia em que as mesmas foram veiculadas.

Na eventualidade de ser **[s]elgiberś** o NP a individualizar (Rodríguez, 2002 [2003], p. 258; Panosa, 2006, p. 1053), BERSEGI (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 163–164, n.º 85) < **Bersegius* < **berśegi* (Faria, 2002a, p. 125, 2007b, pp. 211–212), **berśir** (G.7.2; Faria, 1994a, pp. 67, 69, 1995a, p. 326, 1995b, p. 80, 2001, p. 99, 2002a, p. 125, 2003a, p. 318, 2004a, pp. 279–280, 2007b, p. 211) e **berśtan** (G.17.1; Faria, 1990–1991, pp. 76, 84, 1994a, pp. 67, 70, 2001, p. 99, 2002a, p. 125, 2004a, p. 304, 2007b, p. 211) postar-se-iam como os três únicos *comparanda* a aduzir para o segmento final.

tarticeles. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilá, 1996, p. 296.

Nesta entrada, não iremos repetir o que já escrevemos sobre o presente NP, bem como sobre os paralelos susceptíveis de serem invocados para cada um dos elementos que o compõem (Faria, 1997, p. 110, 1999, p. 159, 2002a, pp. 123, 125, 2003a, p. 328, 2004a, p. 300, 2007a, pp. 179–180, 2007b, p. 227, 2008 [2009], p. 59). Estas linhas visam tão-somente manifestar a nossa perplexidade pelo facto de nenhum dos cinco primeiros títulos a que nos acabámos de reportar ter sido mencionado por Panosa (2006, p. 1050). Tão-pouco surgem tais artigos citados por De Hoz (2006, p. 79), que fornece uma transliteração duplamente equivocada do NP em questão, ou, em época mais recente, por Luján (*ad HEp* 14, 172). De resto, este último linguista alvitra duas transliterações para o NP em questão, qualquer delas, a nosso ver, de fiabilidade bastante reduzida: **tautibeles** e **tartibeles**. Parte este autor da inexistência de **celes** enquanto segmento onomástico ibérico com o propósito de substituir <ce>, o quarto grafema de **tarticeles**, por <be>, que se lhe afigura o mais adequado. Acontece, porém, que, do nosso ponto de vista, Luján não podia ter ignorado a atestação de dois paralelos para o segundo membro de **tarticeles**: BELCILE[...] < **belceles* (Faria, 2002a, p. 123, 2003b, p. 216, 2004a, p. 304, 2005b, p. 285, 2008 [2009], pp. 63–64) e **taneiceles** (C.15.1; Rodríguez, 2002 [2003], p. 269, Faria, 2004a, p. 300, 2008 [2009], pp. 63–64).

TEITABAS. Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas, Botorrita, Saragoça). Fatás, 1980, p. 96.

A substituição de <I> (/i/) por <EI>, grafia arcaizante que ocorre em abundância no presente documento (Fatás, 1980, pp. 33–34), leva-nos a concluir, reforçando as suspeitas formuladas por Fatás (1980, p. 95), que TEITABAS está por **Titabas*, numa repetição da solução gráfica que se verifica com [-]EIHAR < **[-]ihar* (Fatás, 1980, p. 95), NP que julgamos dever ser completado como [L]EIHAR < **[L]ihar* (Faria, 1995b, p. 83).

Tal como deve talvez ocorrer com o nome do filho, TVRIBAS (Fatás, 1980, p. 96; Villar, 1995, p. 242; Bascuas, 2006, pp. 182–183; *contra*, Faria, 2002a, p. 137, 2008 [2009], p. 82; Díaz, 2008, p. 98), também o patronímico TEITABAS deverá consistir num NP híbrido, e não integralmente ibérico (*contra*, Díaz, 2008, p. 98; Beltrán & Velaza, 2009, p. 107, n. 38; Pina, 2009, p. 212, n. 84), composto por um primeiro elemento indo-europeu — **tita* — e pelo conhecido segmento ibérico **baś**. Como *comparanda* do primeiro membro de TEITABAS poderemos aduzir TITACA (Delamarre, 2007, p. 182), TITACIA (Delamarre, 2007, p. 182), TITACIVS (Albertos, 1966, p. 228), TITAI (gen.) (Vallejo, 2005, p. 426), TITAIVS (Albertos, 1966, p. 228; Abascal, 1994, p. 528), TITALVIS (gen.) (Delamarre, 2007, p. 182), TITALVS (Abascal, 1994, p. 528; Vallejo, 2005, p. 426), TITANVS (Abascal, 1994, p. 529; Vallejo, 2005, p. 426), TITASIDIVS (Albertos, 1966, p. 228; Vallejo, 2005, p. 426, 2005 [2006], pp. 124, 125; Bascuas, 2006, p. 118) e TITASS(*ius*) (Delamarre, 2007, p. 182).

Assim sendo, a observação subscrita por Díaz (2008, p. 98, n. 58) segundo a qual “[I]os segmentos *Turi-* y *Teita-* sólo se atestiguan en esta inscripción” apenas fará sentido se estes forem entendidos como ibéricos, conjectura que, admitida a pertinência dos *comparanda* aduzidos, dificilmente virá um dia a ser demonstrada.

À bibliografia respeitante aos nomes pessoais híbridos que combinam radicais celtas/indo-europeus e ibéricos, referenciada nesta crónica e na que imediatamente a precedeu (Faria, 2008 [2009], pp. 76, 82, 83, 89), deverá agora acrescentar-se o texto de Ballester (2009, pp. 14–16), que versa igualmente sobre outras questões respeitantes às línguas paleo-hispânicas.

TIBISI (gen.). Ânforas, tégulas e *dolia*. L’Aumedina (Tivissa, Tarragona). Genera & Járrega, 2000, pp. 55–56.

Poucas dúvidas haverá de que TIBISI < **Tibisus* subjaz ao NL *Tivissa*, apesar de aquele provavelmente constituir um NP (Genera & Járrega, 2000, pp. 55–56; Járrega, 2009, p. 114), sendo esta opção preferível ao reconhecimento de uma natureza toponímica a TIBISI (Genera & Járrega, 2000, p. 55; Járrega, 2009, p. 114; Silgo, 2009, p. 371). Reputamos mais verosímil que TIBISI derive do nominativo — e não do infinitivo (!) (Genera & Járrega, 2000, p. 56) — **Tibisus* (Genera & Járrega, 2000, p. 56; Járrega, 2009, p. 113), conquanto não se possa excluir por completo que este corresponda a **Tibisius* (Járrega, 2009, p. 113). Caso **Tibisus* se inclua na antroponímia ibérica (Genera & Járrega, 2000, p. 56), e ante a falta de testemunhos da existência de **tibiś*, há que recorrer ao cotejo do NP em questão com o componente inicial dos NNP **tibeśtar** (Faria, 1995a, p. 328, 1998a, pp. 234, 235, 2000a, p. 140, 2004a, p. 292, 2006, p. 121) e **tibeśbir** (C.2.21; Faria, 2000a, p. 140, 2002b, p. 238, 2004a, p. 310), que também figura, ainda que em posição final, noutro NP, **bi]urtibeś** (Faria, 1995a, p. 328, 1998a, p. 234, 2004a, p. 296). **Tibisus* poderia, deste modo, configurar a adaptação à morfologia nominal latina de um NP ibérico simples, **tibeś**, que redundaria em **tibiś* por assimilação da vogal postónica, ou, menos provavelmente, de um hipocorístico **tibeś-(s)u*/**tibeś-(ś)u*, a confrontar com outros NNP paleobascos/ibéricos dotados do sufixo *-su/-śu* (Faria, 2002a, p. 138).

Rodríguez (2006, p. 32, n. 5) trata **tibiseř**, em **tibiseřbaśti** (F.13.3), como um “aparente topónimo”, relacionando-o com a marca de oleiro em análise, que ele atribui erradamente (Járrega, 2009,

p. 116) à Época Republicana. Em todo o caso, em face dos paralelos aduzíveis, parece-nos preferível encarar **Tibiser(r)is* como expectável latinização de **tibiseŕ**, em desabono de **Tibisus*. Mais facilmente associaríamos **tibiseŕ** ao primeiro segmento de VISERADIN (*MLH* III 1, p. 236; Faria, 2002b, p. 241, 2006, p. 122). Seria, em contrapartida, interessante saber de que maneira compatibilizaria Rodríguez a interpretação de *Tibisus* (*recte*, **Tibisus*) como nome de extracção ibérica (Rodríguez, 2006, p. 33, n. 5) com a aparente individualização no mesmo de um prefixo **ti-**, talvez isolável em **tibiseŕ**, destinado, segundo ele, a “formar elementos que sólo se encuentran en posición final” (Rodríguez, 2001, p. 18). Não custa nada verificar que, tanto em **tibiseŕ** como em **Tibisus*, uma tal localização está longe de se cumprir, fenómeno para o qual Rodríguez (2006, pp. 32–33, n. 5) nem sequer tentou encontrar qualquer explicação. Nunca é demais insistir (Faria, 2002a, p. 130) que a teoria exposta por Rodríguez (2001, pp. 7, 15, 18) acerca da presença em determinados segmentos onomásticos ibéricos de um “prefixo” **ti-** já havia sido formulada anteriormente por Pérez Orozco (1993, p. 62), ainda que alguns dos exemplos em que este amparou a sua argumentação, entre os quais **unibeŕ**, que consideramos dever dar lugar a **onigibas** (Faria, 2004b, p. 181), carecessem de fiabilidade. Tais insuficiências, contudo, não legitimam mais uma tentativa de apropriação indevida, a juntar às que Rodríguez vem ensaiando recorrentemente.

Rodríguez (2006, p. 33, n. 5) assevera que **Tibisus* configura um *cognomen*, esquecendo-se de equacionar a eventualidade de se tratar de um nome simples; menos plausível do que qualquer destas interpretações é o entendimento de **Tibisus* como *nomen* (Berni & Revilla, 2008, p. 99).

A análise de *Tivissa* subscrita por Coromines (1997, p. 280), que mereceu a concordância de Silgo (2009, p. 371) — *Tibi-issa* —, não nos parece de todo sustentável, ao assumir como propósito a individualização do lexema basco *ibi* < **urbi* (Michelena, 1977², p. 76; Lakarra, 2002, p. 435) ‘vau’, que não se documenta antes do século XI (1025) em território propriamente bascófono (Orpustan, 1999, p. 325). Decorre da dita segmentação a necessidade de identificar no mesmo NL um “prefijo intensivo” (*t-*) (Silgo, 2009, pp. 370, 371) cuja existência seria corroborada através do confronto entre *-turgi* e *Vrgi*. Cremos, porém, que é possível encontrar para a dental presente em *-turgi* uma explicação mais plausível (Faria, 2008 [2009], pp. 85–86) do que aquela que foi fornecida por Silgo.

Em alternativa a uma procedência ibérica, serão certamente muito mais escassas as probabilidades de TIBISI < **Tibisus* remeter para qualquer outra língua, designadamente o chamado paleo-europeu (*Alteuropäisch*), mediante a individualização de um radical **Tib(h)-* (Villar, 2005b, pp. 34, 35, 110, 111; Bascuas, 2006, pp. 112–117) acompanhado por **-issos*, tanto mais que este sufixo só viria a mostrar-se produtivo na antroponímia gaulesa (Lambert, 2003², p. 31). Em todo o caso, admitindo a bondade de uma tal adscrição linguística, como testemunhos peninsulares da raiz **Tib(h)-* importaria invocar os NNP TIBIRA (Abascal, 1994, p. 528) e TIBVRA (Abascal, 1994, p. 528; Bascuas, 2006, pp. 113, 114), além do NE Τειβούρων (gen. pl.) (Ptol. 2.6.36) (Villar, 2005b, pp. 34, 35, 110, 111; Bascuas, 2006, pp. 113, 114), talvez derivado do NL **Tibúra* (Bascuas, 2006, p. 114). Manda, contudo, a prudência que, apesar das semelhanças formais, nenhuma relação genética deverá ser estabelecida entre os três nomes próprios acima arrolados e TIBISI < **Tibisus*.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ALMEIDA, Fernando de (1956) - *Egitânia: história e arqueologia*. Lisboa: Universidade.

- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (1996) - Conjuntos vocálicos en celtibérico. *Kalathos*. Teruel. 15, pp. 163–179.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2004) [2005] - Notas a epígrafes celtibéricas de colecciones particulares. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, pp. 265–282.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2009) - Avión y otras volanderas notas arqueoibéricas. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 13–44.
- BASCUAS LÓPEZ, Edelmiro (2006) - *Hidronimia y léxico de origen paleoeuropeo en Galicia*. Sada-A Coruña: Ediciós do Castro.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco; VELAZA FRÍAS, Javier (2009) - De etnias y monedas: las ‘cecas vasconas’, una revisión crítica. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 99–126.
- BENAGES I OLIVÉ, Jaume (1990) - Escritura ibèrica sobre plom. *Butlletí Arqueològic*. Tarragona. Època V. 12, pp. 41–47.
- BERNI MILLET, Piero; REVILLA CALVO, Víctor (2008) - Los sellos de las ánforas de producción tarraconense: representaciones y significado. In LÓPEZ MULLOR, Albert; AQUILUÉ ABADÍAS, Xavier, eds. - *La producció i el comerç de les àmfors de la Província Hispania Tarraconensis. Homenatge a Ricard Pascual i Guasch*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 95–111.
- BURILLO MOZOTA, Francisco (2009) - Origen y desarrollo de la ciudad en la Celtiberia. In MATEOS CRUZ, Pedro; CELESTINO PÉREZ, Sebastián; PIZZO, Antonio; TORTOSA ROCAMORA, María Trinidad, eds. - *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 175–193.
- CANTÓN SERRANO, Esther (2009) - Onomástica y organización social de los Vascones. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 423–455.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COROMINES I VIGNEAUX, J. (1997) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VII: SAL-VE*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona “La Caixa”.
- CURA I MORERA, Miquel (1993) - Nous grafits ibèrics en el Molí d’Espigol (Tornabous) i la cronologia de l’escritura ibèrica a l’interior de Catalunya. *Gala*. Sant Feliu de Codines. 2, pp. 219–225.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: noms de personnes celtiques dans l’épigraphie classique*. Paris: Errance.
- DÍAZ ARIÑO, Borja (2008) - *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*. Barcelona: Universitat.
- ERClu = PALOL SALELLAS, Pedro de; VILELLA MASANA, Josep (1987) - *Clunia II: la epigrafía de Clunia*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- ERTer = NAVARRO CABALLERO, Milagros (1994) - *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Bordeaux: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1992) - [Recensão de] VELAZA, Javier - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994c) - [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. - *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105–114.

- FARIA, António Marques de (1998a) - [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232-240.
- FARIA, António Marques de (1998b) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 267-271.
- FARIA, António Marques de (1998c) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 228-234.
- FARIA, António Marques de (1998d) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 241-256.
- FARIA, António Marques de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153-161.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121-151.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61-66.
- FARIA, António Marques de (2001) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95-107.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121-146.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233-244.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313-334.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211-234.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273-315.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175-192.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163-175.
- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273-292.
- FARIA, António Marques de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115-129.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161-187.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209-238.
- FARIA, António Marques de (2008) [2009] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57-102.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorríta, Zaragoza) II*. Tabula Contrebiensis. Zaragoza: Universidad.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 957-982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] - Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 23, pp. 129-170.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibèric **kaštaun**: un element característic del lèxic sobre torteres. *Cypsela*. Girona. 17, pp. 253-271.
- FLETCHER VALLS, Domingo; BONET ROSADO, Helena (1991-1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7-8, pp. 143-150.

- GENERA I MONELLS, Margarida; JÁRREGA DOMÍNGUEZ, Ramon (2000) - Elements epigràfics sobre *instrumenta domestica* procedents de *Dertosa* (Tortosa, Baix Ebre). *Faventia*. Barcelona. 22:1, pp. 49-57.
- GORROCHATEGUI CHURRUCÁ, Joaquín (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HEpOl = *Hispania Epigraphica Online* < <http://www.eda-bea.es> > (consulta de 10/08/09).
- DE HOZ BRAVO, Javier (2003) - Recent advances in Paleo-Hispanic scholarship. In GORROCHATEGUI CHURRUCÁ, J., ed. - *Basque and (Paleo)Hispanic studies in the wake of Michelena's work. Proceedings of the First Conference of the Koldo Mitxelena Chair*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 33-62.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2007) - Cerámica y epigrafía paleohispánica de fecha prerromana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 80, pp. 29-42.
- IRMN = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) - *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JÁRREGA DOMÍNGUEZ, Ramon (2009) - La producció vinícola i els tallers d'àmfores a l'ager *Tarraconensis* i l'ager *Dertosanus*. In PREVOSTI I MONCLÚS, Marta; MARTÍN I OLIVERAS, Antoni, eds. - *El vi tarraconense i laietà, abir i avui: actes del simposium*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 99-123.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) - *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) [2005] - *Chronica epigraphica celtiberica III. Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, pp. 285-323.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2002a) - Etimologiae (proto)uasconicae LXV. In ARTIAGOITIA BEASKOETXEA, Xabier; GOENAGA MENDIZABAL, Patxi; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni, eds. - *Erramu boneta: Festschrift for Rudolf p. G. de Rijk*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 425-442.
- LAMBERT, Pierre-Yves (2003²) - *La langue gauloise. Édition revue et augmentée*. (1994¹). Paris: Errance.
- LAMBRINO, Scarlat (1956) - Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série. 3, pp. 5-73.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991-2006). Tesis doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías*. Barcelona: Universitat < http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM_TESI.pdf > (consulta de 29/05/09).
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2006) - *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero*. Madrid: UNED (<<http://iespontosdesuert.xtec.cat/tesis.pdf>> (consulta de 19/06/09).
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2008) - Ergatividad en ibérico. *Emerita*. Madrid. 76:2, pp. 275-302.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000) - *Les noms de maisons médiévales en Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Baigorri: Izpegi.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2002) - Inscripción ibérica procedente de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, pp. 333-353.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2006) - Nous documents ibèrics de l'àrea catalana. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 1049-1066.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, pp. 61-67.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) - Ibérico "egiar" en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351-360.
- PINA POLO, Francisco (2009) - Sertorio, Pompeyo y el supuesto alineamiento de los Vascones con Roma. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. - *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 195-214.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153-364.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca (2008) - *El bronce celtibérico de Botorrita I*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1995) - *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.

- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, pp. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) - Acerca de los afijos adnominales de la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 24:1, pp. 115-134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, pp. 13-144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2006) - Algunos comentarios a propósito de la inscripción íberica de Los Allosos. *Arse*. Sagunto. 40, pp. 29-45.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005-2006) [2009] - Observaciones sobre algunas inscripciones íbericas. *Kalathos*. Teruel. 24-25, pp. 461-473.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1988) - Una carta en lengua íberica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 95-113.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) - De nuevo sobre el "genitivo" íberico en *-en*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), pp. 99-118.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) - Nuevo estudio de la inscripción íberica sobre plomo Orleyl V (F.9.5). ¿Una *defixio* pública? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 347-413.
- SOLIER, Yves (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55-123.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 61-94.
- TOLOSA LEAL, Antonio (2007) - ¿La palabra "lobo" en íberico? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 159-163.
- UNTERMANN, Jürgen (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric? *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23, pp. 93-100.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) - Los plomos íbericos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 75-108.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) [2006] - La composición en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 99-134.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1994) - Sobre dos plomos con escritura íberica: una revisión y una noticia. *Epigraphica*. Faenza. 56, pp. 9-28.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1996) - *Cronica epigraphica Iberica*: hallazgos de inscripciones íbericas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989-1994). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNAÇÃO, José d', eds. - *La Hispania prerromana: actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 311-337.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2005) [2006] - Tras las huellas del femenino en íberico: una hipótesis de trabajo. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 7, pp. 139-151.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2006) [2007] - *Chronica epigraphica ibérica* (sic) VII (2004-2005). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 6, pp. 303-327.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) - Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. Barcelona. 27, pp. 295-299.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005a) - Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 367-514.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005b) - Topónimos y estratigrafía de las lenguas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 13-152.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) - Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos - *El IV Bronce de Botorrita (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 133-153.